

2025



CRÍTICA DE ARTE MÚSICA

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS



ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

CRÍTICA DE ARTE — MÚSICA I

Editora Pascal

2025

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Adelcio Machado Dos Santos

Conselho Editorial

Dr. Claudio Alves Benassi

Dr. Francisco Irapuan Ribeiro

Dr^a Lucieny da Silva Pontes

Dr. Givago da Silva Souza

Dr^a Anali Linhares Lima

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr^a Maria Raimunda Chagas Silva

Dr^a Shirley Ribeiro Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237c

Santos, Adelcio Machado dos

Crítica de arte - música I / Adelcio Machado dos Santos — São Luís: Editora Pascal, 2025.

75 f. : il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-181-1

D.O.I.: 10.29327/5654360

1. Música. 2. Cultura. 3. Globalização. 4. Diversidade cultural. I. Santos, Adelcio Machado dos. II. Título.

CDU: 78:316

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

*Livro dedicado a
Alex Cleidir Tardett*

“A música é um instrumento educacional mais poderoso do que qualquer outro, porque o ritmo e a harmonia encontram seu caminho para o interior da alma.”

Platão

PREÂMBULO

Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos

A crítica de arte, em sua essência, é um exercício intelectual que busca não apenas interpretar, mas também contextualizar e avaliar as expressões criativas de uma época. No campo da música, essa prática assume um papel ainda mais complexo, pois envolve a percepção subjetiva da sonoridade, a análise estrutural da composição e a consideração das influências culturais e históricas que moldam cada obra.

Este livro, “Crítica de Arte – Música I”, propõe-se a explorar essa interseção entre estética, técnica e recepção, oferecendo uma visão aprofundada do papel da crítica na construção do pensamento musical contemporâneo.

A música, enquanto arte temporal, desafia os métodos tradicionais de análise e julgamento, exigindo do crítico uma escuta atenta e uma capacidade de traduzir a experiência auditiva em linguagem verbal. Diferente das artes visuais ou da literatura, que podem ser contempladas de maneira estática, a música ocorre no tempo e depende da interação do ouvinte com a performance.

Essa característica efêmera torna a crítica musical uma tarefa desafiadora, mas ao mesmo tempo fascinante, pois permite múltiplas interpretações e leituras de uma mesma obra.

Este livro parte do princípio de que a crítica de música não deve se limitar a julgamentos prescritivos ou meramente descritivos, mas deve buscar um diálogo entre a obra, o artista e o público. Para isso, percorremos diferentes abordagens da crítica musical ao longo da história, desde os escritos de pensadores clássicos até as análises contemporâneas, que integram aspectos sociológicos, filosóficos e tecnológicos à apreciação da música.

Abordamos, ainda, a evolução dos gêneros musicais, a transformação dos meios de difusão e o impacto das novas mídias na maneira como a música é produzida, distribuída e consumida.

Ademais de uma visão teórica, esta obra apresenta estudos de caso e exemplos práticos que ilustram como a crítica se manifesta em diferentes contextos e estilos musicais. Do erudito ao popular, do analógico ao digital, exploramos como os critérios de apreciação se modificam e se adaptam às mudanças do tempo.

Por conseguinte, a crítica musical não se configura disciplina estanque, mas um campo dinâmico, em constante diálogo com as transformações culturais e tecnológicas da sociedade.

Ao longo das próximas páginas, o leitor encontrará reflexões instigantes sobre o papel do crítico na mediação entre a criação musical e sua recepção pelo público.

Em epítome, mais do que um julgamento de valor, buscamos compreender a música em sua amplitude, destacando sua relevância estética e sua função social.

Por final, esta obra visa a contribuir para um olhar mais atento e sensível sobre a crítica de arte, incentivando a escuta crítica e o debate qualificado sobre a música em suas mais diversas manifestações.

BIOGRAFIA DO AUTOR



O Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santo é Músico (OMB/SC 16.310), com militância em Educação e Crítica Musical.

Doutor e Pós-Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Mestre em Relações Internacionais. Licenciado em Música.

Milita nas seguintes linhas de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade, Arte e Cultura e Filosofia da Interdiscipli-

naridade.

Ex-Reitor, coordenador de curso, vogal da Comissão Própria de Avaliação (CPA), Núcleos Docentes Estruturante (NDE) e colegiado.

Integrou os Conselhos Estaduais de Educação e Cultura e Desportos em Santa Catarina. Atuou como assessor na Assembleia Constituinte de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Tribunal de Contas de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Fazenda.

É avaliador científico de projetos, eventos, editoras e periódicos. Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação (BASIs), Banco Nacional de Itens (BNI), Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE/SC) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

É membro das organizações de pesquisa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito (CONPEDI), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. (ABRACE).

Deu a lume a 72 livros, 186 capítulos de livros e 426 artigos científicos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663595207403860>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	11
<i>A RELEVÂNCIA DA MÚSICA NA CULTURA: uma breve discussão</i>	
CAPÍTULO 2	23
<i>SOCIOLOGIA DA MÚSICA</i>	
CAPÍTULO 3	26
<i>ETNOMUSICOLOGIA</i>	
CAPÍTULO 4	28
<i>MUSICOLOGIA</i>	
CAPÍTULO 5	31
<i>LICENCIATURA EM MÚSICA</i>	
CAPÍTULO 6	34
<i>O CONSTRUTO DE KITSCH</i>	
CAPÍTULO 7	37
<i>NOEL ROSA</i>	
CAPÍTULO 8	39
<i>BOSSA NOVA, UM DOS ÁPICES DA CULTURA BRASILEIRA</i>	
CAPÍTULO 9	42
<i>OS AFROSAMBAS</i>	
CAPÍTULO 10	45
<i>EDUCAÇÃO MUSICAL</i>	
CAPÍTULO 11	48
<i>ESTUDOS CULTURAIS</i>	
CAPÍTULO 12	51
<i>MÚSICA ELOTROACÚSTICA</i>	
CAPÍTULO 13	54
<i>ETNOMUSICOLOGIA</i>	
CAPÍTULO 14	57
<i>FORMAÇÃO DA LICENCIATURA EM MÚSICA</i>	
CAPÍTULO 15	60
<i>PESQUISA EM MÚSICA</i>	
CAPÍTULO 16	63
<i>TOM JOBIM</i>	

CAPÍTULO 17	66
<i>MÚSICA – ESTÉTICA E TERAPIA</i>	
CAPÍTULO 18	69
<i>IEDO SILVA - “RIO GRANDE DENTRO DO PEITO”</i>	
CAPÍTULO 19	72
<i>MÚSICA - ELEMENTO FUNDAMENTAL DA CULTURA</i>	



1

A RELEVÂNCIA DA MÚSICA NA CULTURA: uma breve discussão

*THE RELEVANCE OF MUSIC IN CULTURE: a brief
discussion*

RESUMO

Este artigo discute a relevância da música como elemento central da cultura humana, explorando seu papel na construção de identidades, na transmissão de valores e na promoção de transformações sociais. A música é analisada em suas múltiplas dimensões: como expressão cultural, agente de mudança social e produto da indústria cultural. Aborda-se também o impacto da globalização e da digitalização no acesso e na produção musical, destacando tanto os benefícios quanto os desafios desses processos, como a homogeneização cultural e a mercantilização das expressões artísticas. A música independente e alternativa é apresentada como uma força de resistência e diversidade, capaz de preservar tradições e fomentar inovações. Por fim, o artigo reforça a importância de valorizar a diversidade musical como forma de enriquecimento cultural e de construção de sociedades mais inclusivas e conectadas.

Palavras-chave: música; cultura; globalização; diversidade cultural; indústria cultural.

ABSTRACT

This article discusses the relevance of music as a central element of human culture, exploring its role in the construction of identities, the transmission of values and the promotion of social change. Music is analyzed in its multiple dimensions: as a cultural expression, an agent of social change and a product of the cultural industry. The impact of globalization and digitalization on access to and production of music is also addressed, highlighting both the benefits and the challenges of these processes, such as cultural homogenization and the commodification of artistic expressions. Independent and alternative music is presented as a force of resistance and diversity, capable of preserving traditions and fostering innovation. Finally, the article reinforces the importance of valuing musical diversity as a way of enriching culture and building more inclusive and connected societies.

Keywords: music; culture; globalization; cultural diversity; cultural industry.

INTRODUÇÃO

A música é uma das formas de expressão mais antigas e universais da humanidade, presente em todas as culturas e épocas. Desde os cantos rituais das comunidades primitivas até as complexas produções da indústria musical contemporânea, a música tem desempenhado um papel fundamental na vida humana. Ela não apenas acompanha momentos individuais e coletivos, mas também reflete e molda as identidades culturais, transmitindo valores, histórias e tradições de geração em geração. Sua capacidade de comunicar emoções, ideias e narrativas faz dela um elemento indispensável na construção e na preservação das culturas ao redor do mundo.

A relevância da música na cultura vai além do entretenimento; ela é um fenômeno social e histórico que merece ser analisado. Compreender seu papel permite insights sobre como as sociedades se organizam, como se expressam e como lidam com mudanças e desafios. Além disso, em um mundo cada vez mais globalizado, a música tornou-se uma ferramenta de grande impacto para a conexão entre diferentes culturas, bem como um campo de disputas sobre autenticidade e identidade.

Diante dessa diversidade musical e de sua influência nas culturas, surge a questão: de que maneira a música atua como agente de transformação e preservação cultural, e como sua globalização impacta as tradições locais? A tensão entre a homogeneização cultural promovida pela indústria musical global e a resistência das expressões musicais tradicionais é um ponto central dessa discussão.

Partimos das seguintes hipóteses: a música é um reflexo direto dos valores e das práticas culturais de uma sociedade, servindo como meio de preservação e transmissão de tradições; a globalização da música promove o intercâmbio cultural, mas também pode levar à erosão de expressões musicais locais; e a música desempenha um papel ativo em movimentos sociais, sendo uma ferramenta de resistência e transformação.

Para explorar essas questões, este trabalho adotará uma revisão de escopo bibliográfico, analisando estudos acadêmicos, artigos e fontes secundárias que abordam a relação entre música e cultura. A abordagem será interdisciplinar, incorporando perspectivas da antropologia, sociologia, história e estudos culturais para compreender o fenômeno musical em sua complexidade.

O objetivo central é discutir brevemente o papel da música na cultura e sua influência nas sociedades, explorando como ela contribui para a formação de identidades, a preservação de tradições e a promoção de transformações sociais. A análise buscará destacar a dualidade da música como elemento de união e diversidade cultural, bem como seus desafios em um contexto globalizado. Assim sendo,

esta introdução estabelece o cenário para a discussão, apresentando os principais pontos que serão desenvolvidos ao longo do texto.

A MÚSICA COMO EXPRESSÃO CULTURAL

A música é um reflexo profundo dos valores, crenças e práticas de uma sociedade, atuando como um espelho que revela aspectos essenciais de sua identidade. Segundo Blacking (1973), a música não é somente um produto cultural, mas uma expressão viva das relações sociais e das experiências humanas. Ela está intrinsecamente ligada ao cotidiano das comunidades, seja em rituais religiosos, celebrações, momentos de luto ou manifestações políticas. Cada gênero musical carrega consigo uma história, uma geografia e um conjunto de significados que o tornam único e representativo de uma cultura específica.

Um exemplo emblemático é o samba no Brasil, que surgiu nas comunidades afro-brasileiras do Rio de Janeiro no início do século XX. De acordo com Sandroni (2001), o samba é fruto de um processo de hibridização cultural, incorporando elementos africanos, europeus e indígenas. Ele não apenas se tornou um símbolo da identidade nacional brasileira, mas também uma ferramenta de resistência e afirmação das raízes africanas em um contexto de marginalização e exclusão social. Da mesma forma, o flamenco na Espanha, conforme descrito por Manuel (2006), é profundamente ligado à cultura andaluza e à história dos ciganos na região. Suas letras, melodias e danças expressam sentimentos de dor, amor e luta, refletindo a experiência de um povo que enfrentou séculos de discriminação.

Nos Estados Unidos, o jazz emergiu no início do século XX como uma expressão cultural única, enraizada nas experiências dos afro-americanos. Como destacado por Gioia (2011), o jazz não apenas revolucionou a música ocidental, mas também se tornou um símbolo de liberdade e inovação, refletindo a luta por direitos civis e a busca por igualdade. Esses exemplos ilustram como a música está profundamente conectada às histórias e identidades das sociedades que a produzem.

Além de refletir valores e crenças, a música também desempenha um papel crucial na preservação da memória coletiva e das tradições orais. Em muitas culturas, a transmissão de conhecimentos e histórias se dá por meio de cantos, ritmos e melodias. Para Nettl (2005), a música oral é uma forma de documentação viva, que mantém vivas as tradições mesmo em sociedades sem escrita. Um exemplo notável é a tradição dos griots na África Ocidental, conforme estudado por Hale (1998). Os griots são contadores de histórias e músicos que preservam a história de suas comunidades por meio de canções e narrativas musicais, garantindo que as gerações futuras mantenham viva a memória de seus antepassados.

No contexto indígena brasileiro, a música também é uma ferramenta essencial para a preservação cultural. Segundo Menezes Bastos (2007), os cantos e rituais dos povos indígenas são formas de transmitir conhecimentos sobre a natureza, a espiritualidade e a organização social. Essas práticas musicais não apenas reforçam os laços comunitários, mas também resistem ao processo de assimilação cultural imposto pela colonização.

Assim, a música se revela como uma expressão cultural multifacetada, capaz de refletir, preservar e transmitir os valores e tradições de uma sociedade. Ela é, nas palavras de Small (1998), uma “performance de relações humanas”, que vai além do som e se conecta diretamente com a vida social e cultural de um povo.

A MÚSICA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A música tem desempenhado um papel crucial como agente de transformação social, atuando como ferramenta de mobilização, resistência e expressão em diversos contextos históricos e políticos. Em movimentos sociais e políticos, a música frequentemente assume um caráter mobilizador, unindo pessoas em torno de causas comuns e amplificando vozes que buscam mudanças. Um exemplo emblemático é o uso de canções de protesto durante o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 1960. Músicas como “*We Shall Overcome*” tornaram-se hinos de resistência, simbolizando a luta contra a segregação racial e a opressão (Eyerman; Jamison, 1998). No Brasil, durante a ditadura militar (1964-1985), artistas como Chico Buarque e Geraldo Vandré utilizaram a música para criticar o regime autoritário de forma velada, criando letras que escapavam da censura enquanto transmitiam mensagens de resistência (Napolitano, 2001).

Ademais de sua função mobilizadora, a música também serve como instrumento de denúncia em contextos de opressão. Em regimes totalitários ou em situações de injustiça social, a música muitas vezes se torna um espaço de expressão para aqueles que são silenciados. Por exemplo, na África do Sul, durante o apartheid, músicas como “*Nkosi Sikelel' iAfrika*” (Deus Abençoe a África) foram usadas como símbolos de luta contra o regime segregacionista, reforçando a identidade e a resistência do povo sul-africano (Ballantine, 1993). No contexto latino-americano, a *Nueva Canción*, movimento musical que surgiu nos anos 1960 e 1970, utilizou a música para denunciar as desigualdades sociais e a repressão política, com artistas como Violeta Parra (Chile) e Mercedes Sosa (Argentina) tornando-se ícones da resistência cultural (Fairley, 1984).

A música também exerce uma influência significativa na formação de identidades jovens e na criação de subculturas. Desde o surgimento do rock nos anos 1950 até o hip-hop nas décadas de 1970 e 1980, gêneros musicais têm sido centrais

na construção de identidades juvenis e na expressão de descontentamento com o status quo. O hip-hop, por exemplo, emergiu nas comunidades marginalizadas de Nova York como uma forma de expressão artística e política, abordando temas como racismo, violência policial e exclusão social (Rose, 1994). No Brasil, o funk carioca e o rap nacional também se consolidaram como vozes de resistência, refletindo as realidades das periferias e questionando estruturas de poder (Vianna, 1988; Souza, 2009).

Esse contexto histórico ilustra como a música transcende seu papel de entretenimento, assumindo funções políticas e sociais profundas, de modo que ela reflete as tensões e os anseios de uma sociedade e atua como catalisadora de mudanças, inspirando indivíduos e comunidades a lutar por transformações. Como destacam Eyerman e Jamison (1998), a música é uma forma de “ação coletiva simbólica”, capaz de unir pessoas em torno de ideais comuns e de criar um senso de pertencimento e propósito.

A GLOBALIZAÇÃO E A MÚSICA

A globalização, fenômeno marcado pela intensificação das interconexões culturais, econômicas e tecnológicas em escala mundial, trouxe impactos profundos para a música e suas manifestações culturais. Um dos efeitos mais notáveis é a disseminação de estilos musicais além de suas fronteiras originais, possibilitando a fusão de culturas e a criação de novos gêneros. Segundo Middleton (2000), a globalização permitiu que estilos como o hip-hop, originário dos Estados Unidos, se espalhassem pelo mundo, adaptando-se a contextos locais e gerando expressões únicas, como o hip-hop brasileiro ou o francês. Esse processo de hibridização musical evidencia como a música atua como uma ponte entre diferentes sociedades, promovendo o diálogo intercultural e enriquecendo as experiências artísticas globais.

A música, nesse contexto, funciona como um veículo de comunicação que transcende barreiras linguísticas e geográficas. Para Storey (2015), ela é uma das formas mais eficazes de aproximar culturas distintas, pois carrega em si elementos emocionais e simbólicos que ressoam universalmente. No contexto atual, observa-se o sucesso mundial de gêneros como o K-pop sul-coreano, que conquistou fãs em todos os continentes, ou a popularização da música africana, como o “afro-beat”, que influenciou artistas globais. Esses fenômenos ilustram como a música pode servir como um meio de valorização e reconhecimento de culturas que, em outros contextos, poderiam permanecer marginalizadas.

No entanto, a globalização também apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à homogeneização cultural e à perda de tradições locais.

Segundo Canclini (2008), a massificação de certos estilos musicais, impulsionada pela indústria cultural global, tende a privilegiar padrões comerciais em detrimento da diversidade cultural. Isso pode levar à erosão de expressões musicais tradicionais, que muitas vezes não conseguem competir com a visibilidade e os recursos financeiros dos grandes conglomerados musicais. Num aspecto antagônico, muitas comunidades indígenas ou rurais, práticas musicais ancestrais estão em risco de desaparecimento devido à influência de culturas dominantes e à falta de incentivo para sua preservação.

Ademais, a homogeneização cultural pode resultar em uma perda de autenticidade e identidade. Para Hall (2003), a globalização tende a criar uma “cultura global” que, embora aparentemente inclusiva, muitas vezes apaga as particularidades locais em favor de um padrão universal. Isso é evidente na forma como certos gêneros musicais são apropriados e comercializados sem o devido respeito às suas raízes culturais, como ocorreu com o samba no Brasil ou o reggae na Jamaica. Nesses casos, a música perde parte de seu significado original, tornando-se um produto descontextualizado e voltado para o consumo massivo.

Em contrapartida, autores como Appadurai (1996) argumentam que a globalização também pode fortalecer identidades locais, à medida que comunidades se apropriam de elementos globais e os reinterpretem de acordo com suas próprias tradições. Esse fenômeno, conhecido como “glocalização”, é observado em movimentos musicais que combinam influências internacionais com características regionais, como o manguebeat em Pernambuco, que mistura rock, hip-hop e maracatu. Essas iniciativas demonstram que, embora a globalização apresente riscos, ela também oferece oportunidades para a reinvenção e a valorização das culturas locais.

Para Storey (2015), a globalização da música é um processo complexo e multifacetado, que tanto promove o intercâmbio cultural quanto desafia a preservação das tradições locais. Enquanto a música continua a servir como uma ponte entre sociedades, é fundamental refletir sobre como equilibrar a influência global com a proteção das diversidades culturais, garantindo que as vozes locais não sejam silenciadas no processo.

A MÚSICA NA CONTEMPORANEIDADE: DISCUSSÃO À LUZ DA LITERATURA

A música na contemporaneidade é profundamente influenciada pelo advento da era digital, que transformou não apenas o modo como ela é produzida e distribuída, mas também como é consumida e apropriada culturalmente. O acesso à música, antes limitado por barreiras geográficas e econômicas, tornou-se qua-

se universal com o surgimento de plataformas digitais como Spotify, YouTube e Apple Music. Essas plataformas democratizaram o acesso, permitindo que pessoas de diferentes partes do mundo explorem gêneros e artistas diversos. No entanto, essa facilidade de acesso também trouxe implicações culturais complexas. Segundo Hesmondhalgh (2020), a digitalização da música gerou uma “cultura da abundância”, em que a superoferta de conteúdo pode levar à superficialidade no consumo e à dificuldade de valorização de obras mais profundas ou menos comerciais.

Ademais disso, a música na contemporaneidade é cada vez mais tratada como um produto de consumo, inserida na lógica da indústria cultural. Adorno e Horkheimer (1985), em sua clássica análise da indústria cultural, já alertavam para o risco de a arte ser reduzida a uma mercadoria, perdendo seu potencial crítico e transformador. Hoje, essa crítica permanece relevante, especialmente quando observamos a predominância de algoritmos que privilegiam músicas com apelo massivo, muitas vezes em detrimento de produções independentes ou experimentais. A indústria musical, ao buscar maximizar lucros, tende a padronizar estilos e formatos, o que pode resultar em uma certa homogeneização cultural (Strinati, 2004).

O fenômeno do consumismo cultural por meio da música ganhou novas dimensões com o advento das redes sociais, que transformaram não apenas a forma como a música é consumida, mas também como ela é produzida, promovida e apropriada culturalmente (Warwick, 2015). As redes sociais, como Instagram, TikTok e Twitter, tornaram-se plataformas centrais para a divulgação de artistas e tendências musicais, criando um ecossistema em que a música é constantemente mediada por algoritmos, influenciadores e estratégias de marketing digital. Esse cenário reforça a lógica do consumismo cultural, em que a música é cada vez mais tratada como um produto descartável, moldado para atender às demandas de um mercado ávido por novidades e viralidades.

Um dos aspectos mais marcantes desse fenômeno é a forma como as redes sociais aceleram o ciclo de consumo da música. O TikTok, à guisa de exemplo, têm o poder de transformar trechos de músicas em “sons virais”, que são repetidos incessantemente em vídeos curtos. Essa dinâmica gera uma exposição massiva, mas muitas vezes efêmera, em que a música é reduzida a um elemento de fundo para entretenimento rápido. Como aponta Abidin (2021), a cultura do “viral” nas redes sociais privilegia a instantaneidade e a superficialidade, em detrimento de uma apreciação mais profunda e contextualizada das obras musicais. Essa lógica contribui para a banalização da música, que passa a ser valorizada mais por seu potencial de engajamento do que por seu conteúdo artístico ou cultural.

Além disso, as redes sociais intensificaram a mercantilização da música, trans-

formando artistas e suas obras em marcas a serem consumidas. A construção de personas digitais, a monetização de conteúdos e a busca por patrocínios são práticas comuns nesse ambiente, em que a música muitas vezes se torna secundária em relação à imagem do artista. Segundo Marwick (2015), as redes sociais incentivam uma cultura de autopromoção, em que os músicos precisam constantemente se reinventar e se expor para manter a relevância. Esse fenômeno tende a pressionar os artistas quanto a popularização e alcance de suas músicas, bem como reforça a ideia de que a música é um produto como qualquer outro, sujeito às mesmas regras de oferta e demanda que governam o mercado (Hesmondhalgh, 2020).

No entanto, as redes sociais também abriram espaço para movimentos de resistência e contracultura, especialmente por meio da música independente. Artistas que não se enquadram nos padrões da indústria tradicional encontraram nas plataformas digitais uma forma de alcançar públicos globais sem depender de intermediários. Como destaca Baym (2018), as redes sociais permitem que músicos independentes construam comunidades engajadas e fieis, que valorizam a autenticidade e a diversidade cultural. Esses artistas muitas vezes utilizam as redes sociais não apenas para promover suas obras, mas também para discutir questões sociais e políticas, transformando a música em uma ferramenta de conscientização e mobilização.

No entanto, em contraponto a essa tendência, a música independente e alternativa tem ganhado espaço como uma força de resistência e diversidade cultural. Os artistas e coletivos independentes, muitas vezes à margem das grandes gravadoras, utilizam ferramentas digitais para produzir, distribuir e promover suas obras, mantendo viva a pluralidade de vozes e estilos. Segundo Krüger e Trandafoiu (2013), a música independente representa uma forma de contra-hegemonia, questionando os padrões impostos pela indústria e valorizando a autenticidade e a diversidade cultural. Plataformas como Bandcamp e SoundCloud, à guisa de exemplo, têm sido fundamentais para o fortalecimento desses movimentos, permitindo que artistas alcancem públicos globais sem intermediários tradicionais.

A importância da música independente e alternativa reside justamente em sua capacidade de preservar e renovar tradições culturais, ao mesmo tempo em que abre espaço para inovações e experimentações. Em um contexto globalizado, em que a cultura massificada tende a apagar diferenças, a música independente surge como um contraponto essencial, garantindo que a diversidade cultural continue a florescer. Como aponta Negus (1999), a música é um campo de disputas simbólicas, onde diferentes visões de mundo e identidades culturais se encontram e se confrontam. Nesse sentido, a música independente não apenas enriquece o panorama cultural, mas também desafia as estruturas de poder estabelecidas, promovendo uma maior democratização da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta discussão, foi possível evidenciar a relevância da música como um elemento central da cultura humana, capaz de transcender barreiras geográficas, temporais e sociais. Desde suas origens mais remotas, a música tem sido uma forma de expressão que reflete e molda as identidades culturais, transmitindo valores, histórias e tradições de geração em geração. Sua universalidade e versatilidade a tornam uma linguagem única, que conecta indivíduos e comunidades, ao mesmo tempo em que preserva a diversidade cultural.

No contexto contemporâneo, a música desempenha um papel crucial na construção de sociedades mais inclusivas e conectadas. Por meio dela, é possível promover o diálogo intercultural, amplificar vozes marginalizadas e fomentar a empatia entre pessoas de diferentes origens. Os movimentos sociais e artísticos têm utilizado a música como ferramenta de resistência e transformação, demonstrando seu potencial para desafiar estruturas de poder e inspirar mudanças. No entanto, é preciso estar atento aos desafios impostos pela globalização e pela digitalização, que, embora tenham ampliado o acesso à música, também podem levar à homogeneização cultural e à mercantilização excessiva das expressões artísticas.

Diante desse cenário, faz-se necessária uma chamada para a valorização da diversidade musical como forma de enriquecimento cultural. A música independente e alternativa, assim como as tradições musicais locais, devem ser reconhecidas e preservadas como patrimônios culturais essenciais. A pluralidade de vozes, de modo geral, enriquece o panorama cultural global e fortalece a identidade e a autonomia das comunidades. Para isso, é fundamental que haja políticas públicas e iniciativas privadas que incentivem a produção e a difusão de músicas diversas, garantindo que artistas de diferentes contextos tenham espaço para se expressar e alcançar públicos amplos.

Em última análise, a música é mais do que um produto ou uma forma de entretenimento; ela é uma manifestação profunda da criatividade humana e um reflexo das complexidades da vida em sociedade.

Em epitome, valorizar a diversidade musical significa, portanto, valorizar a própria humanidade em sua riqueza e pluralidade.

REFERÊNCIAS

- ABIDIN, C. **Internet celebrity**: understanding fame online. Bingley: Emerald Publishing, 2021.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- BALLANTINE, C. **Marabi Nights: Early South African Jazz and Vaudeville**. Johannesburg: Ravan Press, 1993.
- BAYM, N. K. **Playing to the crowd: musicians, audiences, and the intimate work of connection**. New York: NYU Press, 2018.
- BLACKING, John. **How Musical Is Man?** Seattle: University of Washington Press, 1973.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.
- EYERMAN, R.; JAMISON, A. **Music and Social Movements: Mobilizing Traditions in the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- FAIRLEY, J. La Nueva Canción Latinoamericana. **Bulletin of Latin American Research**, v. 3, n. 2, p. 107-115, 1984.
- GIOIA, Ted. **The History of Jazz**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HALE, Thomas A. **Griots and Griottes: Masters of Words and Music**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HESMONDHALGH, D. **The cultural industries**. 4. ed. London: Sage, 2020.
- KRÜGER, S.; TRANDAFOIU, R. **The globalization of musics in transit: music migration and tourism**. New York: Routledge, 2013.
- MANUEL, Peter. Flamenco Music and National Identity in Spain. In: BENDIX, Regina; HERZFELD, Michael (Org.). **Cultural Intimacy: Social Poetics in the Nation-State**. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 187-204.
- MARWICK, A. E. **Status update: celebrity, publicity, and branding in the social media age**. New Haven: Yale University Press, 2015.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul: estado da arte. **Mana**, v. 13, n. 2, p. 293-316, 2007.
- MIDDLETON, Richard. **Studying Popular Music**. Philadelphia: Open University Press, 2000.
- NAPOLITANO, M. **Segundo a História: História e Música Popular no Brasil (1950-1980)**. São Paulo: Annablume, 2001.
- NEGUS, K. **Music genres and corporate cultures**. London: Routledge, 1999.
- NETTL, Bruno. **The Study of Ethnomusicology: Thirty-One Issues and Concepts**. Urbana: University of Illinois Press, 2005.
- ROSE, T. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America**. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SMALL, Christopher. **Musicking**: The Meanings of Performing and Listening. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

SOUZA, J. **A rima na história**: o rap como narrativa da periferia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

STOREY, John. **Teoria cultural e cultura popular**: uma introdução. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

STRINATI, D. **An introduction to theories of popular culture**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988



2

SOCIOLOGIA DA MÚSICA

Preliminarmente, a Sociologia da Música se configura em área que analisa a relação entre a música e a sociedade, investigando como as manifestações musicais refletem, influenciam e são moldadas por contextos sociais, culturais, políticos e econômicos.

Essa disciplina busca compreender como a música se torna um fenômeno social, ultrapassando o mero entretenimento para se configurar como um meio de comunicação, expressão identitária e instrumento de transformação social.

A música é uma forma de arte que reflete a sociedade em que está inserida. Ao longo da história, diferentes estilos musicais emergiram como resposta a transformações culturais e políticas.

À guisa de exemplo, o jazz nasceu da experiência afro-americana e foi um reflexo das condições sociais dos negros nos Estados Unidos, enquanto o rock and roll, nos anos 1950 e 1960, tornou-se símbolo da rebeldia juvenil e da contestação ao status quo.

Os gêneros musicais frequentemente expressam as dinâmicas de classe, raça, gênero e território. O “hip-hop”, surgido nas periferias de Nova York, é um exemplo claro de como a música pode ser um canal para a denúncia de injustiças sociais e para a afirmação da identidade de grupos marginalizados.

Da mesma forma, a música clássica ocidental foi, por muito tempo, associada à elite, devido ao acesso restrito aos teatros e à formação musical especializada.

Outro aspecto essencial da Sociologia da Música reside influência da economia cultural na produção e no consumo musical. A indústria fonográfica tem um papel fundamental na distribuição da música e na formação do gosto musical, promovendo determinados estilos e artistas em detrimento de outros.

O avanço tecnológico e a digitalização da música alteraram drasticamente esse cenário, proporcionando maior acesso e diversidade, mas também desafiando os modelos tradicionais de lucro da indústria.

Plataformas de “streaming”, como Spotify e Apple Music, modificaram as formas de consumo musical, democratizando o acesso, mas ao mesmo tempo intensificando a lógica algorítmica, que influencia os hábitos de escuta e favorece artistas com maior visibilidade midiática. Assim, a sociologia da música também investiga como essas mudanças afetam a autonomia dos artistas e a diversidade cultural.

A música desempenha um papel crucial na construção da identidade cultural. Em diversas sociedades, ela é usada para reforçar a memória coletiva, transmitir tradições e unir comunidades. Manifestações como o samba no Brasil, o fado em Portugal e o reggae na Jamaica ilustram como a música pode ser um símbolo nacional e um elo entre gerações.

Ademais disso, a globalização tem impactado profundamente as identidades musicais, promovendo a fusão de estilos e o surgimento de gêneros híbridos. A world music, por exemplo, representa essa interseção de sonoridades e tradições distintas, mostrando que a música também é um fenômeno transnacional.

A música tem sido historicamente utilizada como ferramenta de mobilização e resistência. Canções de protesto são exemplos claros de como a música pode expressar reivindicações sociais e políticas. Durante a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, músicas como “We Shall Overcome” tornaram-se hinos de resistência. No Brasil, a Tropicália e a MPB foram formas de contestação à ditadura militar.

Os festivais e “shows” também desempenham papel importante na articulação de causas sociais, seja para arrecadação de fundos, conscientização ou ativismo. A relação entre música e política evidencia o potencial transformador dessa arte na sociedade.

A Sociologia da Música se configura em subárea vasta e dinâmica, que revela a interdependência entre cultura e sociedade. A música não é apenas um reflexo das realidades sociais, mas também um agente ativo de mudanças e construções identitárias.

Por final, o estudo dessa relação permite compreensão mais profunda do papel da música na vida dos indivíduos e na configuração dos contextos históricos e sociais ao longo do tempo.



3

ETNOMUSICOLOGIA

Em última análise, Etnomusicologia consiste na área interdisciplinar que estuda a música no contexto de suas dimensões culturais, sociais e históricas. Sua abordagem combina métodos da antropologia, da musicologia e da sociologia para compreender como as práticas musicais refletem e influenciam as sociedades em que estão inseridas.

De outro vértice, o termo foi cunhado no século XX, e a disciplina se consolidou a partir dos estudos pioneiros de pesquisadores como Jaap Kunst e Alan Merriam, que enfatizaram a necessidade de investigar a música além de suas estruturas formais, considerando seus significados culturais e simbólicos.

Os etnomusicólogos exploram uma ampla gama de manifestações musicais, desde as expressões folclóricas e tradicionais até a música popular contemporânea. Eles frequentemente realizam trabalho de campo, utilizando métodos como entrevistas, observação participante e gravações de áudio e vídeo para documentar e analisar os repertórios musicais de diferentes comunidades.

Esse processo é fundamental para preservar práticas musicais ameaçadas pela globalização e pelas transformações socioculturais.

Um dos conceitos centrais da etnomusicologia é a noção de que a música não deve ser estudada isoladamente, mas sim como parte de um sistema social mais amplo. A música pode estar associada a rituais religiosos, cerimônias de passagem, identidade étnica e movimentos políticos.

Em diversas culturas, as canções servem como formas de resistência, expressão de valores comunitários e transmissão de conhecimento ancestral.

Ademais disso, a etnomusicologia se preocupa com as formas como a música é ensinada e aprendida dentro de diferentes sociedades, analisando os processos de oralidade, notação e transmissão intergeracional.

Outrossim, com o avanço da tecnologia e da globalização, a etnomusicologia tem expandido seus horizontes para incluir o estudo das interações entre a música e os meios digitais. A disseminação de gêneros musicais através das redes sociais e plataformas de streaming tem desafiado as abordagens tradicionais do campo, incentivando novas investigações sobre a circulação da música e suas reconfigurações em um mundo cada vez mais interconectado.

Destarte, a Etnomusicologia se apresenta como um campo dinâmico e em constante evolução, contribuindo significativamente para o entendimento das relações entre música e sociedade.

Em epítome, ao valorizar a diversidade musical e sua relevância cultural, a disciplina desempenha um papel crucial na promoção do respeito às tradições musicais e na compreensão das múltiplas formas de expressão humana ao redor do mundo.



4

MUSICOLOGIA

Isagógicamente, a Musicologia dedica ao estudo da música em seus diversos aspectos, abrangendo desde sua história e estrutura até seu impacto cultural e social. Trata-se de um campo multidisciplinar que combina conhecimentos de teoria musical, antropologia, história, psicologia e tecnologia para compreender a música em suas múltiplas dimensões.

O termo “musicologia” foi cunhado no século XIX, quando o estudo acadêmico da música começou a se consolidar como uma disciplina independente. No entanto, o interesse pelo estudo sistemático da música remonta à Antiguidade, sendo os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, alguns dos primeiros a investigar a relação entre música, matemática e emoção humana.

Com o curso das centúrias, a musicologia se desenvolveu e se diversificou, dando origem a diferentes abordagens e especializações dentro do campo. Atualmente, a disciplina é amplamente reconhecida e praticada em universidades e centros de pesquisa ao redor do mundo.

A Musicologia pode ser dividida em três principais áreas de estudo:

1. **Musicologia Histórica:** Enfoca a evolução da música ao longo do tempo, analisando compositores, estilos, gêneros e obras musicais dentro de seus contextos históricos e culturais. A pesquisa nessa área utiliza fontes como manuscritos, partituras e documentos antigos para reconstruir a trajetória da música.
2. **Etnomusicologia:** Explora a música no contexto social e cultural das diversas comunidades ao redor do mundo. Este ramo estuda as práticas musicais tradicionais e contemporâneas em diferentes sociedades, investigando como a música se relaciona com aspectos como identidade, rituais e globalização.
3. **Musicologia Sistemática:** Examina a música por meio de métodos científicos e interdisciplinares, abordando temas como a percepção musical, a acústica, a psicologia da música e a tecnologia musical. Essa vertente inclui estudos sobre a cognição musical e a influência da música no cérebro humano.

A Musicologia tem um papel fundamental na preservação do patrimônio musical e no entendimento do papel da música na sociedade. Pesquisadores dessa área trabalham na catalogação e restauração de obras musicais, contribuindo para a manutenção da memória cultural. Além disso, seus estudos ajudam a aprimorar a educação musical, informando práticas pedagógicas mais eficazes.

De outro vértice, no âmbito da tecnologia, a Musicologia influencia o desenvolvimento de softwares de análise musical, inteligência artificial aplicada à composição e novos formatos de consumo musical. As interseções entre música e ciên-

cia também impulsionam avanços na musicoterapia, explorando como a música pode ser utilizada para fins terapêuticos e de reabilitação.

A Musicologia é um campo de estudo dinâmico e essencial para a compreensão da música em suas diversas manifestações. Seja analisando composições clássicas, investigando a música popular contemporânea ou explorando as conexões entre música e neurociência, os musicólogos desempenham um papel crucial na valorização e no aprofundamento do conhecimento sobre essa arte universal.

Por final, o futuro da musicologia promete continuar expandindo fronteiras, incorporando novas tecnologias e perspectivas para enriquecer ainda mais o entendimento da música e seu impacto na humanidade.



5

LICENCIATURA EM MÚSICA

Em preliminar, a Licenciatura em Música se constitui em curso de graduação voltado para a formação de professores e educadores musicais, capacitando-os para atuar em escolas, projetos sociais, conservatórios e outras instituições de ensino.

Ademais de proporcionar uma sólida base teórica e prática em música, o curso também aborda metodologias pedagógicas, psicologia da aprendizagem e didática musical, preparando os futuros profissionais para os desafios do ensino da música em diferentes contextos.

A matriz curricular da Licenciatura em Música costuma abranger disciplinas teóricas e práticas. Entre os componentes curriculares, destacam-se teoria musical, harmonia, percepção auditiva, história da música, regência, canto e prática instrumental.

A par disso, a formação pedagógica é um pilar essencial, incluindo matérias como metodologia do ensino de música, psicologia da educação e prática de ensino.

Outrossim, as atividades práticas são fundamentais na formação do licenciado, permitindo a vivência de diferentes abordagens musicais. Muitas universidades oferecem estágios supervisionados e atividades em grupos musicais, como corais e bandas, proporcionando uma experiência rica e diversificada.

De sua parte, a “performance” do licenciado em música enfrenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à valorização do ensino de música na educação básica.

Posto que a música seja reconhecida como um componente fundamental na formação integral do indivíduo, sua presença nas escolas ainda é limitada devido à falta de políticas públicas e infraestrutura adequada. Muitos profissionais acabam atuando em escolas particulares, projetos sociais ou buscando alternativas como aulas particulares e produção musical.

Outro relevante fato jaz na necessidade de constante atualização e adaptação. O cenário musical está em constante evolução, e o professor de música precisa estar atento a novas metodologias, tecnologias e tendências musicais para oferecer um ensino atrativo e eficaz aos alunos.

Conquanto os reptos, a Licenciatura em Música abre diversas portas no mercado de trabalho. O licenciado pode atuar como professor em escolas públicas e privadas, ministrar cursos livres em conservatórios e centros culturais, além de desenvolver projetos de musicalização infantil e educação musical comunitária.

Ademais disso, há oportunidades na produção musical, regência de corais e grupos instrumentais, bem como na pesquisa acadêmica e no desenvolvimento de material didático.

A crescente valorização da música como ferramenta pedagógica e terapêutica tem ampliado as possibilidades para os profissionais da área. Projetos de educação musical inclusiva, que utilizam a música como meio de desenvolvimento para crianças com necessidades especiais, têm se destacado, assim como a musicoterapia, área que tem ganhado reconhecimento no meio acadêmico e profissional.

A Licenciatura em Música é um curso que alia paixão pela arte com a missão de educar e transformar vidas por meio da música. A formação do licenciado requer dedicação, prática e constante aprendizado, mas oferece um campo de atuação diversificado e gratificante.

Em epítome, para aqueles que possuem amor pela música e vocação para o ensino, essa graduação representa uma excelente escolha, possibilitando contribuir de maneira significativa para a formação cultural e educacional da sociedade.



6

O CONSTRUTO DE KITSCH

Isagogicamente, o conceito de “kitsch” se utiliza em debates sobre arte, estética e cultura, sendo um dos termos mais debatidos e, ao mesmo tempo, mal compreendidos. A origem do termo remonta ao alemão, com a palavra “kitsch” sendo usada para se referir a produtos de arte de baixo custo, muitas vezes em grande quantidade, e com um apelo visual excessivo, voltado para o consumo popular. No entanto, ao longo dos anos, o termo se expandiu e ganhou diversas interpretações, dependendo do campo de estudo e do contexto no qual é inserido.

Destarte, de maneira geral, o kitsch pode ser entendido como um fenômeno estético caracterizado pela superabundância de elementos sensoriais, pela simplificação de temas complexos e pela busca pela criação de uma sensação imediata de prazer ou emoção. Em muitos casos, o kitsch se opõe à ideia de “alta cultura” ou “arte erudita”, sendo frequentemente associado a produções de massa ou de pouca originalidade. No entanto, essa oposição não é necessariamente absoluta, pois o que é considerado kitsch por uns pode ser visto como uma forma legítima de expressão estética por outros.

Outrossim, o “kitsch”, em sua essência, reflete uma tentativa de agradar ao espectador de forma imediata e, muitas vezes, superficial. A sua função primária é provocar uma resposta emocional fácil, geralmente apelando para o sentimentalismo, o exagero visual ou a nostalgia. A exibição de sentimentos excessivos e a busca pela “emoção fácil” estão entre os principais componentes que definem o kitsch. Esse fenômeno se manifesta em diversos campos, como na música, na arte plástica, na decoração e até mesmo no cinema. Um exemplo clássico seria a imagem de um quadro de paisagens bucólicas com cores saturadas, personagens idealizados e um ambiente que remete a uma realidade utópica e distante, cuja busca pelo encantamento visual se faz em detrimento de uma reflexão mais profunda.

De outro vértice, a crítica ao “kitsch”, ao longo do tempo, surgiu principalmente de pensadores como Theodor Adorno e Clement Greenberg. Para Adorno, o kitsch estava relacionado à indústria cultural e à sua capacidade de produzir obras que, ao invés de promoverem um desenvolvimento crítico da sociedade, apenas aplacavam as massas, sem gerar qualquer questionamento ou reflexão profunda. Já Greenberg associava o kitsch à banalização da arte, que se distanciava do conceito de “arte pura”, ou seja, da arte que exigia um envolvimento intelectual mais profundo por parte do espectador.

No entanto, entrementes em que o “kitsch” é amiúde atacado por sua falta de profundidade e sua tendência à superficialidade, ele também é reconhecido como um reflexo das dinâmicas sociais e culturais em um dado momento histórico.

Por conseguinte, o “kitsch” não é necessariamente um “mal” ou uma “falha” estética, mas sim uma manifestação das preferências e desejos coletivos de uma sociedade em particular. Nesse sentido, ele pode ser visto como uma forma de

escapar das complexidades da vida cotidiana, proporcionando conforto, prazer imediato e um sentido de pertencimento.

Nos tempos contemporâneos, o conceito de “kitsch” tem sido reinterpretado e, em muitos casos, revalorizado. Com o surgimento de novas formas de consumo cultural e de uma maior acessibilidade a uma variedade de produtos artísticos, o “kitsch” passou a ser questionado e até mesmo adotado de maneira irônica e subversiva.

No cenário pós-moderno, onde a noção de “boa” e “má” arte perdeu seu caráter absoluto, o kitsch tornou-se um terreno fértil para a experimentação e para a subversão das convenções estéticas tradicionais. A ironia e o pastiche passaram a ser elementos centrais na compreensão e produção de “kitsch” na arte contemporânea, o que contribui para uma visão mais fluida e dinâmica desse fenômeno.

Ademais disso, o “kitsch” ganhou novos contornos com a massificação das redes sociais e a constante produção de conteúdos virais. Em plataformas como Instagram e TikTok, à guisa de exemplo, imagens e vídeos de caráter exagerado e excessivamente decorados, frequentemente vistos como “kitsch”, se tornaram símbolos de um novo tipo de estetização da vida cotidiana.

O uso de filtros, a saturação de cores e a ênfase em estéticas “fofas” e “adocicadas” são características que se alinham ao “kitsch”, todavia, entretanto, transmite sensação de autenticidade e pertencimento.

Destarte, o “kitsch” se renova, adaptando-se às novas formas de comunicação e expressão digital.

Em epítome, o construto de “kitsch” transcende os limites da arte e da estética, envolvendo questões sociais, culturais e psicológicas. Ele está intrinsecamente ligado aos desejos de consumo, ao entretenimento e às formas como as pessoas se relacionam com o mundo ao seu redor.

Entretanto, em que o “kitsch” pode ser visto como um reflexo da banalização cultural, ele também reflete um desejo de capturar e expressar algo de forma emocionalmente envolvente, mesmo que à custa da profundidade ou da complexidade.

Por final, o “kitsch” continua a se configurar conceito dinâmico e ambíguo, cujo significado se redefine constantemente, acompanhando as transformações culturais e as novas maneiras de perceber e vivenciar a estética.



7

NOEL ROSA

Em preliminar, Noel Rosa avulta entre os nomes da música popular brasileira e uma figura fundamental na consolidação do samba urbano carioca. Nascido em 11 de dezembro de 1910, no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, Noel teve uma vida breve, mas intensa, marcada por composições que revolucionaram o cenário musical da época.

Sua obra se destaca pela sofisticação das letras, o humor refinado e a crítica social aguçada, características que o tornaram um ícone da canção brasileira.

Desde jovem, Noel mostrou talento para a música e o improviso. Iniciou sua trajetória artística tocando bandolim e, posteriormente, violão. Embora tenha ingressado no curso de medicina, sua paixão pela música falou mais alto, levando-o a abandonar os estudos para se dedicar integralmente à carreira musical.

Outrossim, influenciado pelo ambiente boêmio do Rio de Janeiro e pelas rodas de samba, Noel compôs sucessos que se tornaram clássicos do gênero, como “Com que Roupa?”, “Fita Amarela” e “Conversa de Botequim”.

Um dos aspectos mais marcantes de Noel Rosa foi sua habilidade em unir o samba do morro ao da cidade, criando uma ponte entre diferentes camadas sociais e contribuindo para a popularização do gênero. Suas letras retratavam com maestria o cotidiano do povo, abordando temas como a malandragem, o amor e as dificuldades da vida urbana, sempre com ironia e inteligência.

O compositor teve uma vida pessoal intensa, marcada por romances e boemia. Sua rivalidade com o sambista Wilson Batista gerou uma troca de composições satíricas que se tornou célebre na história da música brasileira.

Posto que possuisse higidez frágil devido à tuberculose, Noel manteve uma produção musical impressionante até seus últimos dias. Faleceu precocemente em 4 de maio de 1937, aos 26 anos, deixando um legado imortal para a música brasileira.

Destarte, o impacto de Noel Rosa na cultura nacional é inegável. Seu estilo inovador influenciou gerações de músicos e ajudou a moldar a identidade do samba como um dos principais símbolos da música popular brasileira.

Em epítome, até os dias de hoje, suas composições são regravadas por artistas de diferentes estilos, mantendo vivo o legado de um dos maiores gênios da canção brasileira.



8

BOSSA NOVA, UM DOS ÁPICES DA CULTURA BRASILEIRA

Isagógicamente, a Bossa Nova figura, sem dúvida, entre os pináculos da cultura brasileira, responsável por projetar o país no cenário musical internacional e influenciar gerações de artistas ao redor do mundo. Surgida no final da década de 1950, em meio a um Brasil que respirava modernização e otimismo, a Bossa Nova nasceu do encontro entre o samba tradicional e o jazz norte-americano, resultando em uma sonoridade suave, sofisticada e repleta de harmonias elaboradas.

Com ares de novidade, o movimento trouxe uma forma diferente de cantar e tocar, marcada pela leveza das batidas do violão e por um estilo vocal intimista e quase sussurrado, que se tornou sua principal marca registrada.

De outro lado, o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, foi o berço dessa revolução musical. Jovens músicos e poetas se reuniam em apartamentos e bares para criar e compartilhar composições que falavam sobre o cotidiano, o amor e a paisagem carioca, especialmente a praia e o mar, elementos tão presentes no imaginário brasileiro.

Destarte, nomes como João Gilberto, Tom Jobim, Vinicius de Moraes e Nara Leão formaram a base desse movimento, cada um contribuindo com seu talento e sensibilidade para eternizar a Bossa Nova como um dos maiores legados artísticos do Brasil. João Gilberto, com sua batida inovadora no violão, é considerado o pai da Bossa Nova, tendo estabelecido a estética sonora que guiaria o gênero por décadas.

Entretanto, o lançamento do disco “Chega de Saudade”, em 1959, marcou o início oficial da Bossa Nova e se tornou um divisor de águas na música brasileira. A partir dali, o estilo ganhou força e rapidamente conquistou o público, não apenas no Brasil, mas também no exterior. A parceria entre Tom Jobim e Vinicius de Moraes gerou clássicos como “Garota de Ipanema”, canção que ultrapassou fronteiras e se tornou uma das músicas mais conhecidas do mundo, eternizando a Bossa Nova como patrimônio cultural da humanidade.

Por conseguinte, o sucesso internacional veio com força na década de 1960, especialmente com o álbum “Getz/Gilberto”, que uniu a suavidade brasileira ao saxofone do americano Stan Getz, levando o Grammy de Álbum do Ano e consolidando o gênero como um fenômeno global.

Mais do que um estilo musical, a Bossa Nova é um retrato do Brasil de uma época, uma síntese perfeita entre poesia, melodia e a beleza natural do país. Suas letras simples, mas carregadas de lirismo, exaltam o amor, a natureza e a busca por uma vida leve e prazerosa.

Entrementes, a riqueza harmônica das composições elevou a música popular brasileira a um novo patamar de reconhecimento artístico e intelectual. A influência da Bossa Nova pode ser sentida até hoje em diversos gêneros musicais, sendo

referência para músicos do jazz, da MPB e da música internacional.

Com o curso dos anos, a Bossa Nova se consolidou como um dos ápices da cultura brasileira, símbolo de um país criativo, sensível e aberto às influências externas, sem perder sua essência. Seu legado permanece vivo, seja nas regravações de clássicos, nos festivais dedicados ao gênero ou nas novas gerações de artistas que se inspiram em seus acordes e versos.

Em epítome, a Bossa Nova se configura em expressão atemporal da alma brasileira, capaz de emocionar e encantar públicos de todas as idades e nacionalidades, reafirmando seu lugar de honra na história da música mundial.



9

OS AFROSAMBAS

Em preliminar, *Os Afro-Sambas* se configuram entre os marcos mais importantes da música popular brasileira, resultado da parceria entre o violonista e compositor Baden Powell e o poeta e letrista Vinicius de Moraes. Lançado originalmente em 1966, o álbum representa uma fusão inovadora entre o samba tradicional e os elementos rítmicos e melódicos das religiões afro-brasileiras, especialmente o candomblé e a umbanda, refletindo a riqueza da herança africana na cultura brasileira.

Destarte, o encontro de Baden e Vinicius resultou em uma obra musical que transcendeu os limites da bossa nova e do samba, trazendo para o cenário musical da época uma sonoridade densa, marcada por atabaques, agogôs e ritmos ligados aos rituais afro-religiosos. Esse projeto surgiu do interesse de Baden Powell pelos terreiros de candomblé e umbanda que frequentava na Bahia, onde se impressionou com a força das músicas e dos cânticos religiosos. Essa vivência inspirou a criação de composições que uniam o lirismo de Vinicius às harmonias complexas e à técnica refinada de Baden no violão.

De outro vértice, o álbum *Os Afrosambas de Baden e Vinicius* é composto por oito faixas, cada uma delas homenageando uma entidade ou aspecto das religiões de matriz africana. Entre as músicas mais conhecidas estão “Canto de Ossanha”, “Canto de Xangô”, “Canto de Iemanjá” e “Tempo de Amor”. “Canto de Ossanha”, por exemplo, tornou-se uma das mais emblemáticas, com sua letra que reflete sobre o livre arbítrio e a influência dos orixás na vida dos homens, embalado por um ritmo contagiante que mistura o samba com o toque dos terreiros.

As letras de Vinicius de Moraes se destacam por sua poesia refinada e pelo respeito à simbologia dos orixás, enquanto Baden Powell, com sua técnica apurada, trouxe ao violão uma forma de expressão única, rica em contrapontos, dissonâncias e uma levada rítmica que traduzia o peso e a beleza da ancestralidade africana. Essa união de talentos resultou em um disco inovador, considerado até hoje uma obra-prima da música brasileira.

Por conseguinte, os *Afrosambas* não apenas ampliaram os horizontes da música popular brasileira, mas também desempenharam um papel importante na valorização da cultura afro-brasileira, em uma época em que o preconceito e a marginalização ainda eram muito presentes. O álbum abriu caminho para que outros artistas se inspirassem e passassem a incorporar elementos da religiosidade afro em suas composições, contribuindo para uma maior visibilidade dessas tradições na arte nacional.

Décadas após o seu lançamento, *Os Afrosambas* continuam a ser revisitados por músicos de diferentes gerações, comprovando a atemporalidade da obra. Sua relevância está não só na inovação musical, mas também na forma como celebra a diversidade cultural do Brasil, reafirmando a influência africana como um dos

pilares da identidade nacional.

Por final, ao unir o sagrado e o profano, o popular e o erudito, Baden Powell e Vinicius de Moraes criaram um legado eterno, que segue encantando e inspirando ouvintes e artistas ao redor do mundo.



10

EDUCAÇÃO MUSICAL

Em primeiro lugar, a Educação Musical desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos indivíduos, sendo uma ferramenta valiosa para o aprimoramento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Ao longo da história, a música sempre esteve presente nas culturas de diferentes povos, sendo utilizada tanto como forma de expressão artística quanto como meio de socialização. No contexto educacional, a música proporciona aos alunos uma série de benefícios, contribuindo para sua formação e ampliando suas possibilidades de aprendizado.

Destarte, estudos demonstram que a música pode ter um impacto significativo no desenvolvimento cognitivo das crianças. A prática musical, seja por meio de cantar, tocar um instrumento ou simplesmente ouvir, auxilia na melhoria da memória, da atenção e da concentração. A aprendizagem de ritmos, melodias e harmonias estimula áreas do cérebro responsáveis pela linguagem, pela matemática e pela resolução de problemas. Além disso, atividades musicais envolvem processos de repetição e memorização, que são fundamentais para a fixação do conhecimento em diversas disciplinas.

Outrossim a música favorece o desenvolvimento da percepção auditiva, essencial para a compreensão da linguagem falada, e aprimora a capacidade de análise e síntese de informações. O ensino musical, portanto, não se limita a ensinar a técnica de um instrumento ou a cantar corretamente, mas também atua como um facilitador para o aprendizado em diversas áreas do conhecimento.

Ademais dos benefícios cognitivos, a música tem uma forte ligação com a socialização. A participação em atividades musicais em grupo, como corais, bandas ou orquestras, proporciona aos alunos a oportunidade de interagir com seus colegas, promovendo o trabalho em equipe, a colaboração e o respeito às diferenças. A música é uma linguagem universal que ultrapassa barreiras culturais e linguísticas, permitindo que pessoas de diferentes origens se comuniquem e compartilhem experiências.

A convivência em grupos musicais ensina o valor da escuta ativa, da empatia e da cooperação. Ao trabalhar juntos para criar uma performance, os alunos aprendem a importância da convivência harmoniosa, respeitando o espaço e o tempo do outro.

Esse ambiente colaborativo fortalece o vínculo social e contribui para a formação de uma comunidade escolar mais integrada e coesa.

Por conseguinte, a música tem um poder extraordinário sobre as emoções humanas. Através da música, é possível expressar sentimentos de alegria, tristeza, raiva ou esperança de forma que palavras muitas vezes não conseguem. No contexto educacional, a educação musical permite que os alunos explorem suas emoções de maneira saudável e construtiva.

Ademais disso, a música pode ser uma válvula de escape para as tensões e dificuldades do dia a dia. A prática musical pode atuar como um meio de alívio do estresse, promovendo o bem-estar psicológico. Estudos indicam que o envolvimento com a música reduz os níveis de ansiedade e melhora a autoestima, uma vez que a música permite que os alunos percebam seu próprio progresso e se sintam valorizados por suas conquistas.

Para que a educação musical seja eficaz, é fundamental que os professores de música possuam uma formação adequada, que não se limite apenas ao domínio técnico da música, mas que também inclua conhecimentos pedagógicos, psicológicos e sociais. Um bom professor de música é aquele que consegue despertar o interesse dos alunos pela disciplina, ao mesmo tempo em que desenvolve sua capacidade criativa e reflexiva.

A formação de professores de música deve incluir não apenas técnicas de ensino, mas também abordagens que integrem a música ao cotidiano dos alunos. A música deve ser vista como um veículo de expressão e como um meio de conectar os alunos com suas próprias emoções, com o mundo ao seu redor e com as tradições culturais de sua comunidade.

A Educação Musical, longe de ser apenas uma disciplina extracurricular, é uma área fundamental para o desenvolvimento global do ser humano. Ela oferece uma gama de benefícios que se estendem para além do domínio musical, impactando diretamente nas capacidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos. Portanto, a valorização da educação musical nas escolas é essencial para a formação de indivíduos mais completos, criativos e preparados para lidar com os desafios da sociedade contemporânea.

Em epítome, investimentos em Educação Musical, estamos investindo no futuro da educação como um todo, garantindo que as próximas gerações possam lograr acesso a uma formação rica, plural e profundamente transformadora.



11

ESTUDOS CULTURAIS

Preliminarmente, os Estudos Culturais emergiram no “status” área de conhecimento interdisciplinar que visa analisar as práticas, produções e significados culturais em sua relação com as estruturas sociais, políticas e históricas. Surgidos no ocaso da década de 1950 e início dos anos 1960 no Reino Unido, os Estudos Culturais buscavam compreender como a cultura influencia e é influenciada pelas relações de poder, ideologias e identidades. Desde então, esse campo de estudo se expandiu para além das fronteiras acadêmicas e se tornou essencial para a análise das complexas dinâmicas da sociedade contemporânea.

De outro vértice, os Estudos Culturais deitam as suas raízes no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) da Universidade de Birmingham, fundado por Richard Hoggart e Stuart Hall. Esses pensadores, juntamente com outros intelectuais como Raymond Williams e E.P. Thompson, contribuíram significativamente para a formulação dos conceitos e métodos que definem o campo.

Destarte, A ideia central era que a cultura não pode ser dissociada das condições materiais da sociedade, como economia, classe social e política. Portanto, ao analisar a cultura, é fundamental entender as estruturas de poder que moldam e são moldadas por ela.

À guisa de exemplo, Hoggart se devotou a estudar as formas culturais populares, questionando as divisões entre as culturas “superiores” e “inferiores” e, ao mesmo tempo, destacando a importância da cultura popular como um espaço de resistência e expressão das classes trabalhadoras.

Já Stuart Hall, um dos principais nomes do movimento, focou na ideia de que a cultura não é um reflexo passivo da realidade social, mas sim um campo dinâmico e contestado, onde diferentes grupos sociais lutam pela definição dos significados e valores.

Uma das precípuas características dos Estudos Culturais consiste em sua natureza interdisciplinar. A área se alimenta de diversas disciplinas, como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a História, a Linguística e a Comunicação, o que possibilita uma abordagem mais ampla e enriquecedora para o entendimento das manifestações culturais. A análise cultural envolve a interpretação de textos, imagens, símbolos e práticas cotidianas, com o objetivo de entender as dinâmicas sociais que moldam e são moldadas pela cultura.

À luz dessa perspectiva, os Estudos Culturais adotam métodos de análise que vão além das abordagens tradicionais da crítica cultural. Ao invés de tratar a cultura apenas como um conjunto de objetos a serem avaliados, os estudiosos buscam entender como as culturas populares, as identidades, os discursos e as práticas culturais se conectam com as estruturas de poder e as desigualdades sociais.

De outro vértice, o conceito de “hegemonia”, proposto por Antonio Gramsci,

é amplamente utilizado para entender como as ideologias dominantes se estabelecem e são naturalizadas nas sociedades.

Com o advento da globalização e das novas tecnologias de comunicação, os Estudos Culturais também passaram a se preocupar com as transformações culturais que ocorrem em um mundo cada vez mais interconectado.

A circulação de bens culturais, como filmes, músicas, moda e internet, cria formas de identidade, pertencimento e resistência. As fronteiras entre culturas locais e globais se tornam cada vez mais tênues, o que traz à tona questões sobre as relações de poder entre as diferentes regiões do mundo, bem como os impactos da cultura global sobre as tradições e valores locais.

A análise da cultura digital, por exemplo, se tornou um tema central dentro dos Estudos Culturais contemporâneos. As redes sociais, as plataformas de “streaming” e os fenômenos de consumo digital mudaram profundamente a maneira como as pessoas se relacionam com a cultura e com os outros. Ao mesmo tempo, novas formas de ativismo cultural e político surgiram, mostrando que a cultura continua sendo um campo de disputas e de possibilidade de transformação social.

Posto que os Estudos Culturais hajam produzido vasto contributo para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais, o campo não está imune a críticas. Alguns teóricos questionam o foco excessivo na cultura popular e na crítica às estruturas de poder, sugerindo que isso pode obscurecer a importância de outras formas de cultura, como as mais tradicionais ou elitistas.

Ademais disso, a fragmentação do campo e a diversidade de abordagens e interpretações podem gerar certa confusão e dilemas teóricos.

Isso posto, a importância dos Estudos Culturais como uma ferramenta para a compreensão das sociedades contemporâneas permanece inegável. Em tempos de intensas transformações sociais e culturais, esses estudos fornecem uma lente crítica para analisar como a cultura molda, e é moldada, pelos processos históricos e pelos conflitos sociais.

Em epítome, os Estudos Culturais oferecem um campo de reflexão indispensável para compreender as complexas relações entre cultura, poder, identidade e sociedade. Ao abordar a cultura de forma crítica e interdisciplinar, esses estudos não apenas ajudam a entender os fenômenos culturais, mas também abrem caminho para a transformação social, ao evidenciar as lutas de poder e as possibilidades de resistência e mudança.

Por final, em um mundo em constante transformação, o entendimento das práticas culturais e dos discursos dominantes continua a ser uma chave fundamental para se posicionar frente aos desafios contemporâneos e para promover um olhar mais atento e crítico sobre as realidades que nos cercam.



12

MÚSICA ELOTROACÚSTICA

Em preliminar, a Música Eletroacústica se configurou a partir da combinação de sons acústicos e eletrônicos, incorporando tecnologias inovadoras para expandir as possibilidades de criação sonora. Esse estilo, que começou a se consolidar no século XX, envolve a manipulação do som por meios eletrônicos, seja através de gravações, efeitos ou síntese digital.

A música eletroacústica é uma fusão entre o mundo físico do som e o mundo virtual das manipulações digitais, criando texturas sonoras e formas musicais que antes não seriam possíveis.

Destarte, as raízes da Música Eletroacústica remontam à experimentação sonora que teve início nas primeiras décadas do século XX, com compositores que exploravam a utilização de novos recursos tecnológicos.

Um marco importante nesse desenvolvimento foi a invenção do gravador e, posteriormente, do sintetizador, que permitiram aos músicos captar, manipular e transformar sons de maneiras inusitadas.

No entanto, a consolidação da música eletroacústica como gênero específico ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando surgiram centros de pesquisa sonora como o Groupe de Recherches Musicales (GRM), na França, e o Studio für Elektronische Musik, na Alemanha.

Por conseguinte, no seio da Música Eletroacústica, é possível distinguir várias vertentes, sendo a principal delas a música concreta. Originada na França, essa abordagem se caracteriza pela utilização de sons gravados, chamados de “sons concretos”, que são manipulados eletronicamente.

Os compositores da música concreta não se preocupam com a origem desses sons, que podem ser desde ruídos urbanos até sons naturais, e sua principal preocupação é a transformação e organização desses sons dentro de uma obra musical.

Outro aspecto relevante da música eletroacústica reside na música eletrônica de “performance”, na qual o compositor interage ao vivo com

dispositivos eletrônicos, como sintetizadores, samplers, computadores e outros equipamentos para criar a música. Nessa vertente, a improvisação e a manipulação do som em tempo real tornam-se elementos essenciais da obra, o que confere à música uma dimensão de constante evolução.

A tecnologia digital também desempenha um papel fundamental na evolução da Música Eletroacústica, permitindo que os compositores trabalhem com maior flexibilidade e precisão. “Softwares” de áudio possibilitam a manipulação de frequências, timbres, estruturas temporais e até mesmo a criação de sons totalmente novos a partir de sínteses algorítmicas.

Isso ampliou ainda mais o alcance da música eletroacústica, permitindo uma

exploração infinita do espaço sonoro.

A Música Eletroacústica também desafiou as convenções tradicionais da música. Ao contrário de formas musicais anteriores, que dependiam de instrumentos acústicos e orquestras, a música eletroacústica não está restrita ao uso de um conjunto fixo de instrumentos.

Ela pode incluir qualquer som, desde que seja manipulado eletronicamente, o que leva à criação de um vasto repertório de obras que transcendem as limitações da música tradicional. Os compositores podem criar peças que exploram texturas e sonoridades impossíveis de serem reproduzidas com instrumentos convencionais.

Ademais disso, a Música Eletroacústica tem se expandido para outras áreas da arte, como o cinema, a dança e as artes visuais. Sua integração com outras formas artísticas tem permitido a criação de experiências multimodais, em que o som não é apenas um elemento auditivo, mas também visual e sensorial.

A utilização da música eletroacústica em performances ao vivo e instalações sonoras também se tornou um campo fértil para experimentação e inovação, onde o público pode interagir diretamente com a obra.

Em epítome a Música Eletroacústica é um campo vibrante e em constante evolução, que combina a tradição da música com as possibilidades oferecidas pela tecnologia. Ela reflete a busca incessante do ser humano por novas formas de expressão e pela exploração de novos territórios sonoros.

Por final, com a tecnologia digital cada vez mais presente na vida cotidiana, a música eletroacústica continua a expandir os limites da criação sonora e a questionar as fronteiras entre o acústico e o eletrônico, o orgânico e o digital, o natural e o sintetizado.



13

ETNOMUSICOLOGIA

A Etnomusicologia, em preliminar, configura-se em disciplina acadêmica que investiga as diversas formas de música dentro de contextos culturais específicos, buscando compreender como as práticas musicais são moldadas e influenciadas pelas tradições, crenças e valores das sociedades.

Destarte, ela emerge da junção entre etnologia, ou o estudo das culturas humanas, e musicologia, que se dedica ao estudo da música em seus aspectos técnicos, históricos e estéticos. A etnomusicologia, portanto, é mais do que apenas o estudo da música; ela explora as interações entre a música e o ambiente social, econômico, político e religioso em que ela se insere.

Por conseguinte, a subárea da Etnomusicologia se caracteriza por uma abordagem interdisciplinar, incorporando métodos da Antropologia, Sociologia, História e Linguística, ademais da própria Musicologia. Seu foco principal está em entender como a música é vivida pelos indivíduos dentro de suas culturas, como ela transmite significados e como se relaciona com outras expressões culturais, como a dança, o teatro e a arte.

Esse estudo de canções em suas dimensões culturais e sociais permite que os etnomusicólogos façam uma análise profunda sobre a música como um fenômeno humano, destacando sua relevância para a identidade e a coesão social de grupos humanos.

Historicamente, a etnomusicologia se consolidou como uma área do conhecimento no início do século XX, especialmente com o trabalho de musicólogos e antropólogos que começaram a registrar e analisar as músicas de povos indígenas e outras culturas não ocidentais. Contudo, com o tempo, a etnomusicologia passou a abranger também as músicas das sociedades ocidentais, em um movimento que reconhece a música de todas as partes do mundo como digna de estudo e reflexão.

No entanto, dentre os conceitos essenciais para a Etnomusicologia, um dos mais importantes é o de “musicalidade”, que se refere ao conjunto de práticas musicais compartilhadas por um grupo. A musicalidade não é vista apenas como uma habilidade técnica para criar ou executar música, mas como uma expressão profundamente enraizada em valores culturais, que pode envolver não só o ato de tocar um instrumento ou cantar, mas também o modo como a música é aprendida, compartilhada e utilizada em diferentes contextos.

Os etnomusicólogos frequentemente utilizam a etnografia como método de pesquisa, o que implica um envolvimento direto com as comunidades estudadas. Isso envolve não apenas a coleta de dados sobre as práticas musicais, mas a participação ativa na vida cotidiana dos grupos, muitas vezes através de estudos de campo.

Esse método proporciona uma compreensão mais rica e detalhada das músi-

cas, indo além da simples observação de performances e capturando os aspectos sociais e simbólicos da música.

Ademais disso, a etnomusicologia se preocupa com o impacto das tecnologias e globalização na música e nas culturas. A gravação e a distribuição de músicas, por exemplo, transformaram as formas tradicionais de ensino e prática musical, ao mesmo tempo que possibilitaram um intercâmbio cultural nunca visto.

Por outro lado, também surgiram questões sobre a apropriação cultural e a preservação das tradições musicais diante da homogeneização global.

O âmbito da Etnomusicologia também está profundamente comprometido com questões de justiça social e respeito à diversidade cultural. Os etnomusicólogos frequentemente trabalham com comunidades locais para preservar suas músicas tradicionais e promover a valorização de suas práticas culturais em face da modernização e da pressão de culturas dominantes. Em muitos casos, os pesquisadores buscam equilibrar a documentação e preservação dessas tradições com o respeito pelos direitos dos povos estudados.

Por conseguinte, a Etnomusicologia se afigura subárea dinâmica e rica que permite uma compreensão mais profunda de como a música se relaciona com as complexidades da vida humana.

Em epítome, por meio do estudo de diferentes tradições musicais ao redor do mundo, os etnomusicólogos ajudam a revelar os múltiplos significados da música enquanto práxis cultural, oferecendo uma visão mais ampla sobre as diversas maneiras em que a música pode tocar a vida das pessoas e a formação de suas identidades.



14

FORMAÇÃO DA LICENCIATURA EM MÚSICA

A formação da Licenciatura em Música se constitui em processo acadêmico estruturado que visa preparar o estudante para a atuação profissional no campo da música, tanto na educação quanto nas diversas áreas artísticas e culturais. Esta formação oferece um conjunto de habilidades técnicas, teóricas e pedagógicas, com o objetivo de formar profissionais capacitados para o ensino da música em escolas de educação básica, além de prepará-los para o desenvolvimento de práticas musicais, a realização de pesquisas e a atuação em contextos artísticos diversos.

No Brasil, a Licenciatura em Música é oferecida por diversas instituições de educação superior, com currículos que incluem disciplinas relacionadas à teoria musical, prática instrumental, técnicas de regência, harmonia, história da música, pedagogia musical, entre outras.

A formação abrange não apenas o desenvolvimento de habilidades musicais práticas, como o domínio de um ou mais instrumentos, mas também o entendimento profundo da música enquanto linguagem, sua história e sua função social.

O curso de Licenciatura em Música, de maneira geral, tem uma duração que varia de três a quatro anos, dependendo da instituição e do currículo adotado. Durante esse período, os alunos têm a oportunidade de aprender não apenas a técnica de diferentes instrumentos musicais, mas também de se aprofundar nas áreas de harmonia, contraponto, percepção musical, estética e composição.

Ademais disso, as disciplinas voltadas para a pedagogia musical são essenciais, pois visam formar o futuro professor de música, que deverá ser capaz de ensinar de maneira eficaz e criativa, atendendo às necessidades e realidades de seus alunos.

O estágio supervisionado também faz parte do currículo da Licenciatura em Música, permitindo que os alunos adquiram experiência prática em sala de aula e possam aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. Este estágio é uma parte fundamental da formação, porquanto prepara o futuro professor para o cotidiano das escolas e para os desafios que ele pode enfrentar no ambiente educacional.

Ademais da formação técnica e pedagógica, o curso de Licenciatura em Música também é um espaço de reflexão crítica sobre o papel da música na sociedade. Os alunos são incentivados a desenvolver projetos de pesquisa e a compreender a música não apenas como uma prática artística, mas também como um fenômeno cultural que se relaciona com diversas questões sociais, políticas e históricas.

Uma característica importante da Licenciatura em Música é a diversidade de áreas de atuação que ela oferece ao egresso. Além do ensino formal da música em escolas, o profissional formado pode atuar em diversos contextos culturais e artísticos, como em grupos musicais, como produtor musical, em orquestras e como

musicoterapeuta, ademais de poder seguir na carreira acadêmica, com mestrado e doutorado, se assim desejar.

Destarte, a formação em Licenciatura em Música se configura espaço amplo e plural, capaz de oferecer ao estudante diversas possibilidades de inserção profissional.

Em epítome, a Licenciatura em Música é uma formação acadêmica fundamental para aqueles que desejam seguir uma carreira na educação musical e nas diversas áreas artísticas, culturais e acadêmicas. Ao longo do curso, os alunos adquirem habilidades técnicas, pedagógicas e teóricas essenciais, desenvolvendo uma compreensão profunda da música e de seu papel na sociedade.

Por final, a formação deve aprestar o(a) licenciado(a) para ensinar música de maneira criativa e eficaz, além de capacitá-lo(a) para militar em diversas outras áreas profissionais relacionadas à música.



15

PESQUISA EM MÚSICA

Em primeiro lugar, a pesquisa em música se constitui em campo vasto e multifacetado que abrange desde o estudo teórico e histórico das diferentes manifestações musicais até a análise das práticas sociais, culturais e educacionais relacionadas à música.

Ela envolve o uso de diversas metodologias e abordagens, que podem incluir a investigação de aspectos técnicos, como a estrutura musical e a acústica, até a exploração de questões mais subjetivas, como a percepção, a emoção e o impacto da música nas comunidades.

Destarte, historicamente, a pesquisa musical teve suas origens na tentativa de compreender a evolução dos estilos musicais e das tradições culturais ao longo do tempo. Em seus primeiros estágios, essa pesquisa estava principalmente ligada à musicologia, uma disciplina acadêmica focada no estudo da história da música, dos compositores e das obras.

Os musicólogos, então, se dedicavam a examinar partituras, documentos históricos e outras fontes para reconstruir e interpretar o passado musical. Ao longo do tempo, esse campo se expandiu, incorporando outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a psicologia e até mesmo a neurociência, que possibilitaram uma abordagem mais ampla e interdisciplinar da música.

Todavia, no cenário contemporâneo, a pesquisa em música também abrange a análise da música em sua relação com as tecnologias digitais, a globalização e as novas formas de consumo cultural. Com o advento de novas tecnologias de gravação e reprodução, a música se transformou, tanto em sua produção quanto em sua distribuição, o que levou a um aumento no interesse por estudos relacionados à música popular, à música digital e às práticas musicais em redes sociais.

Ademais disso, a pesquisa contemporânea em música também explora como a música pode ser utilizada como ferramenta terapêutica, educacional e até política, desempenhando um papel importante na formação de identidades sociais e culturais.

De outro vértice, uma das abordagens mais recentes na pesquisa musical é a música aplicada, que se concentra em como a música pode ser usada de maneira prática em diferentes contextos, como na educação musical, nas terapias musicais ou na performance.

Nesse sentido, a pesquisa em música não se limita à análise acadêmica de partituras e compositores, mas se estende ao estudo de como as pessoas interagem com a música em seu cotidiano, e como ela pode ser usada para promover o bem-estar emocional, social e psicológico.

No entanto, a pesquisa em música também adverte reptos significativos. A natureza subjetiva da experiência musical e a diversidade de estilos e formas de

expressão dificultam a criação de métodos de pesquisa que sejam amplamente aplicáveis a todas as manifestações musicais. As abordagens qualitativas, como entrevistas, etnografias e observações de campo, são comuns nesse campo, mas exigem um olhar sensível e ético por parte dos pesquisadores.

Ademais disso, a rápida evolução da tecnologia musical, as mudanças nos hábitos culturais e a globalização das músicas de diferentes tradições tornam a pesquisa musical um campo em constante transformação, exigindo dos pesquisadores flexibilidade e atualização constante.

Em epítome, a pesquisa em música é uma disciplina rica e dinâmica que continua a evoluir à medida que novas questões e metodologias surgem. Sua importância vai além do estudo da música como arte e expressão estética, pois se relaciona diretamente com a compreensão do papel que a música desempenha nas sociedades, nas culturas e nas vidas das pessoas.

Por final, sejam elas focadas em práticas históricas, sociais ou terapêuticas, as investigações nesse campo contribuem para uma compreensão mais profunda e abrangente de um dos fenômenos culturais mais universais e significativos da humanidade: a música.



16

TOM JOBIM

Em primeiro lugar, Antônio Carlos Jobim, mais conhecido como Tom Jobim, avulta entre os músicos mais inovadores e influentes da música brasileira e mundial. Nascido em 25 de janeiro de 1927, no Rio de Janeiro, Jobim foi um dos principais responsáveis pela criação e popularização da bossa nova, um dos movimentos musicais mais importantes do século XX.

Destarte, a sua genialidade como compositor, arranjador, pianista e intérprete o consolidou como uma lenda da música mundial, cujas canções continuam a tocar corações ao redor do mundo.

De outro lado, Jobim nasceu em uma família de classe média e desde jovem teve contato com a música, aprendendo a tocar piano ainda na infância. Seu interesse pela música erudita e pelo jazz foi decisivo para sua formação.

Todavia, foi com a bossa nova que ele alcançou notoriedade. O movimento surgiu no final da década de 1950, trazendo uma nova linguagem para a música brasileira, com harmonias sofisticadas, letras poéticas e uma nova batida mais suave e introspectiva. Tom Jobim foi uma das figuras centrais nesse processo, ao lado de outros grandes nomes como João Gilberto, Vinícius de Moraes, e Rodrigo Amarante.

Destarte, a primeira grande parceria de Jobim foi com o Vinícius de Moraes, com quem compôs algumas das mais célebres canções da, como, à guisa de exemplo, “Garota de Ipanema” e “Chega de Saudade”.

“Garota de Ipanema”, sua canção mais renomada, foi traduzida para vários idiomas e tornou-se um dos maiores sucessos internacionais da música brasileira. Essa canção foi um marco no reconhecimento mundial da bossa nova, conquistando uma audiência global e colocando Jobim no centro do cenário musical internacional.

O talento de Jobim não se limitou à bossa nova. Ao longo de sua carreira, ele transitou por diversos gêneros musicais, como o jazz, a música clássica e a música popular brasileira. Seu estilo único de compor e arranjar, que mesclava a complexidade harmônica com a simplicidade melódica, influenciou gerações de músicos em todo o mundo.

Entre suas colaborações internacionais, destaca-se sua parceria com o cantor norte-americano Frank Sinatra, com quem gravou o álbum *Francis Albert Sinatra & Antônio Carlos Jobim* em 1967. Essa colaboração foi um marco no intercâmbio musical entre o Brasil e os Estados Unidos.

Ademais de sua carreira como compositor, Tom Jobim também teve destaque como intérprete, sendo aclamado por sua voz suave e sua presença de palco discreta, mas carismática. Ele não só gravou álbuns de sucesso, mas também se apresentou ao vivo em diversos palcos internacionais, levando a música brasileira para

públicos em lugares como os Estados Unidos, a Europa e o Japão. Sua música era marcada por uma sensibilidade única e uma capacidade de transformar emoções e paisagens brasileiras em sons e palavras.

A obra de Tom Jobim também reflete uma profunda ligação com a natureza e o Rio de Janeiro. Muitas de suas músicas fazem referência a paisagens cariocas, como “Águas de Março”, que descreve a dualidade da natureza e da vida, e “Sampa”, uma canção sobre a cidade de São Paulo. A obra de Jobim é um espelho da alma brasileira, capaz de tocar a todos com sua beleza, melancolia e alegria.

Por conseguinte, ao longo de sua carreira, Tom Jobim colecionou prêmios e reconhecimentos, incluindo indicações ao Grammy e homenagens em diversos países. Sua contribuição para a música mundial é incalculável, e sua influência continua a ser sentida em várias gerações de músicos e compositores.

Por final, Tom Jobim faleceu no dia 8 de dezembro de 1994, mas sua música continua a viver, sendo uma das mais preciosas heranças culturais do Brasil. Sua obra transcende as fronteiras do tempo e do espaço, e o legado de sua música segue vivo nas interpretações de novos artistas e nas memórias dos que tiveram a sorte de viver sua época.

Em epítome, a música de Tom Jobim, com sua harmonia única, sua poesia delicada e sua profundidade emocional, se configura em uma das mais belas expressões da música brasileira e mundial, eternizando-o na galeria dos luminares.



17

**MÚSICA – ESTÉTICA E
TERAPIA**

A música, linguagem universal e milenar, atravessa culturas e épocas, conectando sentimentos humanos por meio de sons organizados no tempo. Desde os cantos tribais até as sinfonias contemporâneas, ela carrega consigo não apenas uma função artística e estética, mas também um poderoso potencial terapêutico.

Ao longo da história, pensadores, médicos e músicos reconheceram na música a capacidade de transformar estados emocionais, aliviar dores e influenciar a saúde mental e física. Este artigo propõe uma reflexão sobre a dualidade da música como expressão estética e como instrumento terapêutico, evidenciando como ambas as dimensões dialogam e se complementam.

Sob a perspectiva estética, a música se insere no campo das artes como um fenômeno que transcende a simples combinação de sons. Ela envolve ritmo, melodia, harmonia e timbre, mas também emoção, imaginação e subjetividade. Esteticamente, a música pode provocar encantamento, introspecção ou êxtase; pode pintar paisagens sonoras, criar atmosferas e evocar lembranças. Compositores como Bach, Beethoven ou Villa-Lobos não apenas escreveram partituras, mas deixaram legados que alimentam o espírito humano.

Destarte, a escuta de uma obra musical, neste sentido, pode ser uma experiência quase mística: o ouvinte é convidado a mergulhar em um universo simbólico onde a razão e o sentimento se entrelaçam.

Na Filosofia, diversos autores refletiram sobre a estética musical. Platão, à guisa de exemplo, via a música como uma ferramenta formadora da alma, com impacto moral e educacional. Já Nietzsche enaltecia a música como a mais elevada das artes, capaz de expressar o indizível. No século XX, a musicologia passou a considerar também o papel social e psicológico da música, reconhecendo que sua apreciação não está limitada ao “belo” formal, mas inclui o contexto cultural, a experiência do ouvinte e o impacto emocional da obra.

Esse impacto emocional nos leva à dimensão terapêutica da música. A musicoterapia é um campo reconhecido da saúde que utiliza a música como meio de intervenção clínica. Ela se fundamenta na ideia de que o som pode promover bem-estar, reduzir estresse, estimular a memória, melhorar a comunicação e até auxiliar no tratamento de distúrbios neurológicos e psiquiátricos. Em hospitais, clínicas e centros de reabilitação, a música é aplicada de forma científica e empática, com objetivos terapêuticos claros e mensuráveis.

Pacientes com Alzheimer, em exemplo, respondem positivamente a músicas que remetem à juventude, despertando memórias e sentimentos que pareciam perdidos. Em UTIs, canções suaves auxiliam na estabilização da pressão arterial e na redução da ansiedade.

Todavia, a terapia musical não está restrita ao ambiente clínico. No cotidiano,

muitas pessoas recorrem à música como forma de autocuidado. Ouvir uma canção pode consolar, energizar ou tranquilizar. Cantar, tocar um instrumento ou dançar são atividades que, mesmo fora de um contexto formal, funcionam como válvulas de escape emocional. Nesse sentido, a música torna-se ferramenta de saúde mental, promovendo equilíbrio psíquico e expressão afetiva.

Todavia, importa notar que a função terapêutica da música não depende exclusivamente do gênero ou do estilo. Tanto uma cantiga de ninar quanto uma ópera podem exercer influência terapêutica, desde que haja uma conexão emocional genuína com o ouvinte. O segredo está na escuta ativa, na entrega à experiência sonora, e na ressonância subjetiva que cada obra pode gerar.

Interessa observar ainda como, nas práticas indígenas e ancestrais, o papel curativo da música já era plenamente reconhecido. Em rituais xamânicos, por exemplo, o som do tambor ou do canto ritualístico induz estados alterados de consciência, permitindo o contato com o inconsciente ou com dimensões espirituais. Essas práticas, hoje revisitadas por correntes da psicologia transpessoal e da medicina integrativa, demonstram que a relação entre música e cura é anterior à própria medicina ocidental como a conhecemos.

Destarte, estética e terapia não são opostos, mas faces de uma mesma moeda. A beleza da música pode ser, em si, terapêutica; e o efeito terapêutico de uma obra pode, muitas vezes, estar diretamente relacionado à sua qualidade estética. Essa integração é o que torna a música uma das manifestações humanas mais complexas e completas. Ela toca o corpo e a alma, o cérebro e o coração. É arte e remédio, forma e conteúdo, razão e emoção.

No mundo contemporâneo, marcado por excesso de estímulos e crescente adoecimento mental, redescobrir o poder da música é um convite à reconexão com a sensibilidade e à escuta do que não pode ser dito em palavras.

Em epítome, seja em um concerto, em um momento de introspecção com fones de ouvido, ou em uma roda de cura com instrumentos percussivos, a música continua sendo ponte – entre o interno e o externo, entre a dor e a beleza, entre o caos e a harmonia.



18

**IEDO SILVA - “RIO GRANDE
DENTRO DO PEITO”**

Primeiramente, a canção “Rio Grande Dentro do Peito” se constitui em obra marcante do artista Iedo Silva, que traduz em sua essência a conexão profunda entre o ser humano e o território que habita. O título da obra, simples e direto, carrega em si uma simbologia poderosa: Rio Grande, um estado brasileiro com uma rica diversidade cultural, histórica e natural, e o “dentro do peito”, que se refere à imersão emocional e afetiva com esse lugar.

O trabalho de Iedo Silva, por meio dessa obra, procura resgatar a memória coletiva e individual do povo riograndense, ao mesmo tempo em que reflete sobre a identidade e as relações que se formam entre as pessoas e a terra que as acolhe.

Destarte, um dos grandes nomes da música do Rio Grande do Sul, destacou-se por sua capacidade de mesclar o concreto da realidade com o imaginário cultural local, buscando sempre uma linguagem que seja ao mesmo tempo acessível e profunda.

Em “Rio Grande Dentro do Peito”, o autor cria um espaço onde a experiência geográfica e emocional se entrelaça, sugerindo que o pertencimento não está apenas na paisagem, mas também nas vivências e sentimentos que ela desperta.

Outrossim, a obra de Iedo Silva é permeada pela força da natureza e pelas transformações históricas que marcaram o Rio Grande do Sul. O uso de elementos típicos do estado, como as referências à cultura gaúcha, à vida rural e à ancestralidade indígena, cria uma narrativa visual que resgata as origens e, ao mesmo tempo, oferece uma visão contemporânea de como essas influências ainda moldam as vivências no estado.

A diversidade natural e cultural do Rio Grande do Sul é representada de maneira poética e vibrante, não como um retrato literal, mas como uma construção de sentidos.

O “peito”, no título da obra, não se refere apenas ao corpo físico, mas simboliza o local onde residem as emoções, as memórias e as histórias do povo. Ao dizer que o Rio Grande está “dentro do peito”, Iedo Silva sugere que essa conexão com a terra vai além da mera vivência espacial; ela é internalizada, passada de geração a geração, e se torna parte da própria essência do indivíduo.

Destarte, “Rio Grande Dentro do Peito” propõe um exercício de ressignificação, onde as experiências pessoais e coletivas se fundem para formar um laço de pertencimento.

O impacto da obra também se estende ao campo social e cultural. Através da arte, Iedo Silva estabelece um diálogo com as diferentes camadas da sociedade, promovendo uma reflexão sobre a importância de valorizar e preservar a cultura local em tempos de globalização e homogeneização cultural. Ao explorar as identidades regionais de forma tão visceral, o artista nos convida a pensar sobre o que

significa ser gaúcho, brasileiro, e como essas identidades são constantemente moldadas e reinterpretadas.

Em epítome, a canção “Rio Grande Dentro do Peito” se configura em celebração do Rio Grande do Sul e de sua gente, indo ademais da simples exibição de paisagens e simbolismos, transformando o estado em um protagonista de uma narrativa de pertencimento, resistência e afeto.

Por sinal, com essa obra, Iedo Silva convida o espectador a vivenciar e a sentir o Rio Grande de forma intensa e pessoal, como se o estado estivesse, de fato, “dentro do peito”.



19

MÚSICA - ELEMENTO FUNDAMENTAL DA CULTURA

Primeiramente, a Música se configura em uma das expressões mais antigas da humanidade, presente em praticamente todas as sociedades conhecidas ao longo da história. Mais do que simples entretenimento, ela se configura como um elemento essencial da cultura, pois carrega significados profundos, comunica sentimentos, traduz valores e reflete transformações sociais.

Seja nos rituais tribais, nas canções folclóricas, nas composições eruditas ou nas batidas contemporâneas do rap e do funk, a música acompanha o homem como linguagem viva e mutável da experiência humana.

Desde tempos imemoriais, sons ritmados foram utilizados pelo ser humano para marcar eventos importantes, desde cerimônias religiosas até comemorações de colheitas. Através da música, diferentes povos conseguem narrar suas histórias, transmitir suas crenças e reforçar os laços de identidade coletiva. O canto, o ritmo e os instrumentos constituem formas de comunicação muitas vezes mais poderosas do que a linguagem falada, pois atingem diretamente a sensibilidade, ultrapassando barreiras linguísticas e geográficas.

Não por acaso, ao estudar determinada civilização, os pesquisadores sempre atentam à sua produção musical como uma das chaves para compreender seu modo de vida, suas relações sociais e sua visão de mundo.

Ademais de registrar a história, a música também transforma a cultura. Movimentos musicais como o jazz, o samba, o rock e o hip-hop não apenas surgiram em contextos culturais específicos, como também influenciaram e moldaram esses contextos.

À guisa de exemplo, o samba se configura em uma das maiores expressões da cultura brasileira. Originado nas comunidades negras e marginalizadas, tornou-se símbolo nacional e canal por meio do qual se expressam resistências, dores e celebrações.

Já o rock, nascido da mistura entre blues e country nos Estados Unidos, rapidamente se tornou um meio de contestação e expressão juvenil em todo o mundo ocidental, especialmente nas décadas de 1960 e 1970.

Outro aspecto fundamental da música enquanto elemento cultural é sua capacidade de promover inclusão e resistência. Para muitos grupos sociais historicamente oprimidos, a música representou – e ainda representa – uma forma de afirmação identitária. Gêneros como o reggae, o rap e o funk carregam, em sua essência, mensagens de denúncia, de crítica social e de resistência política.

Por meio das letras e ritmos, esses estilos comunicam as realidades vividas por comunidades periféricas, expõem desigualdades e propõem outras visões de mundo. Nesse sentido, a música se torna não apenas reflexo, mas também agente de mudança social.

A função educativa da Música também não pode ser ignorada. Em ambientes escolares, comunitários ou religiosos, a música serve como ferramenta de aprendizagem, memorização e integração. Além disso, contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos indivíduos.

Por meio da escuta atenta, da execução instrumental ou do canto, crianças e jovens desenvolvem sensibilidade estética, disciplina, concentração e trabalho em grupo. Assim, ao mesmo tempo em que amplia o repertório cultural, a música favorece o desenvolvimento integral do ser humano.

A Música é também um forte elo entre passado e presente. Ela permite que tradições sejam preservadas, revisitadas e reinterpretadas. Festas populares, como o Carnaval, o São João ou o Fado em Portugal, têm na música seu principal veículo de transmissão cultural. Mesmo com as mudanças tecnológicas e as transformações dos hábitos sociais, a música se reinventa constantemente, mantendo-se como traço vivo da cultura.

Plataformas de “streaming” e redes sociais expandiram o alcance das produções musicais, tornando possível que sons locais ganhem o mundo e que culturas diferentes se encontrem, interajam e se contaminem mutuamente.

No entanto, essa globalização da música também levanta debates importantes sobre apropriação cultural, indústria cultural e padronização dos gostos. Em meio ao consumo massivo, há o risco de que expressões musicais autênticas sejam diluídas ou transformadas em produtos estéticos desvinculados de seus contextos de origem.

Posto isso, é inegável que a música segue como linguagem poderosa de intercâmbio e enriquecimento cultural. Em todas as suas formas – tradicional, experimental, digital ou de raiz – ela comunica identidades, evoca memórias e mobiliza afetos.

A Música, portanto, é mais do que um componente artístico. Ela é uma estrutura viva e dinâmica da cultura, um campo de expressão onde se inscrevem desejos, lutas, alegrias e histórias. Ao nos emocionarmos com uma melodia, ao cantarmos uma letra que nos representa ou ao dançarmos um ritmo que nos contagia, estamos nos conectando com algo maior do que nós mesmos: com a coletividade, com a história e com o imaginário de um povo.

Em epítome, em um mundo cada vez mais fragmentado, a Música segue sendo uma ponte entre diferenças, uma linguagem universal que reafirma a humanidade compartilhada em sua diversidade.

C*ritica de Arte – Música I* é uma obra que investiga a complexidade da crítica musical, explorando sua dimensão estética, técnica e histórica. Mais do que julgar, busca compreender a música como experiência cultural e social, capaz de revelar sentidos múltiplos a cada escuta. O livro percorre diferentes tradições críticas, dialogando com pensadores clássicos e reflexões contemporâneas que incorporam filosofia, sociologia e tecnologia. Também aborda a evolução dos gêneros, os impactos das mídias e as transformações na produção e recepção da música. Com estudos de caso e exemplos práticos, apresenta um panorama amplo e instigante, que incentiva uma escuta atenta e reflexiva sobre a arte musical em suas diversas manifestações.

